

## BRANCA DE NEVE E ROSA VERMELHA

Era uma vez uma pobre viúva que morava em uma cabana isolada. Em frente de sua humilde morada havia um jardim onde cresciam duas roseiras, uma das quais de rosas brancas e a outra de rosas vermelhas. A viúva tinha duas filhas, que se pareciam com as rosas e a primeira se chamava Branca de Neve e a segunda Rosa Vermelha. Ambas eram boas e felizes, joviais e alegres como as crianças boas e felizes, mas Branca de Neve era mais quieta e sossegada do que a irmã. Rosa Vermelha gostava muito de correr pelos campos e prados, colhendo flores e caçando borboletas, ao passo que Branca de Neve preferia ficar em casa, perto da mãe, ajudando-a nos serviços domésticos ou lendo para ela, quando nada tinham que fazer.

Por outro lado, as duas meninas eram tão amigas, que, sempre que saíam juntas iam de mãos dadas.

— Não havemos de nos separar nunca — costumava dizer Branca de Neve.

E Rosa Vermelha confirmava:

— Jamais!

Frequentemente as duas irmãs iam à floresta, colher morangos, e os bichos que viviam na floresta nem lhes faziam mal nem delas fugiam, mas, ao contrário, delas se aproximavam, confiantes. A lebre comia couve em suas mãos, a corça pastava perto delas, o cabrito montês pulava alegremente ao seu lado e os pássaros pousavam nos arbustos mais próximos e cantavam todos os cantos que sabiam para alegrá-las.

Nenhum acidente lhes acontecia. Se se distraíam e demoravam muito na floresta, e se anoitecia quando lá ainda se encontravam, sem se amedrontarem, as duas meninas se deitavam na grama macia, uma ao lado da outra,

e dormiam calmamente até o amanhecer, sem que sua mãe se preocupasse por sua causa.

Certo dia, em que tinham passado a noite na floresta, e o orvalho noturno as despertara, viram junto de si um lindo menino vestido de branco, um branco brilhante como a prata, que, sem dizer uma palavra, olhou para elas com uma expressão de carinho no rosto, e depois se afastou, desaparecendo no seio da floresta.

As irmãs repararam, quando olharam em torno, que haviam dormido pertinho de um precipício e que, certamente, caminhando na escuridão como haviam caminhado, teriam morrido, se tivessem dado mais alguns passos à frente. E, quando voltaram para casa, sua mãe lhes disse que o menino que tinham visto só podia ser o anjo da guarda, que protege as crianças obedientes e boas.

As duas irmãs mantinham a modesta casinha em que moravam tão limpa, tão bem arrumada, que era um prazer vê-la e visitá-la. No verão, Rosa Vermelha era quem cuidava da casa, levando um ramalhete de flores na cama de sua mãe, antes que ela acordasse, e nele havia uma rosa de cada roseira. No inverno, Branca de Neve acendia o fogo e punha a chaleira no fogão. A chaleira era de cobre, mas brilhava como se fosse de ouro, tão bem era areada.

À noite, quando a neve caía em pesados flocos, a mãe das duas meninas dizia:

— Vai trancar a porta, Branca de Neve.

A filha obedecia, e as três se sentavam perto da lareira, e a mãe pegava um livro e lia em voz alta para as meninas, que ficavam ouvindo, bem caladinhas, e fazendo crochê. Atrás delas, pousada em seu poleiro, uma pomba branca dormia, com a cabeça debaixo das asas.

Certa noite, quando as três estavam entretidas daquele modo, bateram na porta, um tanto nervosamente, como se fosse alguém aflito para entrar.

— Depressa, Rosa Vermelha, vai abrir a porta — disse a mãe. — Deve ser algum viajante procurando pousada.

Rosa Vermelha abriu a porta, pensando que se tratava de um mendigo, mas, na verdade, foi um urso que enfiou sua negra cabeçorra através da porta.

Dando um grito de horror, Rosa Vermelha recuou, a pomba acordou e sacudiu as penas e Branca de Neve se escondeu atrás da cama de sua mãe.

— Não tenhas medo! — falou o urso. — Não vou fazer mal a ninguém. Estou meio gelado, e só desejo aquecer-me um pouco nesta casa.

— Coitado do urso! — exclamou a mãe das meninas. — Senta perto do fogo, e tem cuidado para não queimar a sua pele.

Depois gritou:

— Branca de Neve! Rosa Vermelha! Vinde! O urso não vai fazer mal a ninguém. Ele prometeu.

As duas voltaram e se aproximaram, a princípio ainda hesitantes, mas não tardaram a perder todo o medo.

— Por favor, meninas — disse o urso. — Tirai um pouco da neve do meu pêlo.

As duas irmãs foram buscar a vassoura e puseram mãos à obra. Dentro de pouco tempo, o urso estava limpinho. As meninas se sentiam inteiramente à vontade, enquanto o urso, deitado junto do fogo, ronronava como um gato, muito satisfeito da vida. No fim, as meninas e o urso conviviam como se fossem velhos amigos: elas puxavam-lhe o pêlo, montavam em suas costas, faziam toda a espécie de brincadeiras. O urso parecia se divertir muito e somente quando elas já haviam brincado muito e ele já estava cansado, foi que o urso disse:

*Cuidado, meninas!*

*Podeis brincar,*

*Mas com carinho.*

*Quereis matar*

*O vosso ursinho?*

Quando chegou a hora de dormir, as meninas foram para a cama, sua mãe disse ao urso:

— Podes dormir ali, perto do fogo, e ficarás protegido contra o frio e o mau tempo.

Quando amanheceu, as meninas permitiram que o urso fosse embora, e ele saiu e caminhou pelo chão coberto de neve, internando-se na floresta.

A partir de então, o urso aparecia na casa, todas as noites, à mesma hora, e as meninas divertiam-se com ele, enquanto queriam. E ficaram tão acostumadas com ele, que não trancavam a porta enquanto ele não chegava à noite.

Quando veio a primavera e todas as plantas lá fora ficaram verdes, o urso disse, certa manhã, a Branca de Neve:

— Agora tenho de partir, e não voltarei senão depois do verão.

— Aonde vais, então, querido urso? — perguntou a menina.

— Tenho de ir para a floresta, a fim de proteger os meus tesouros contra os amaldiçoados anões. Durante o inverno, quando a terra endurece muito, eles são obrigados a ficar embaixo, sem poderem abrir caminho. Quando, porém, o sol provoca o degelo e amolece a terra, eles abrem caminho através dela e furtam tudo de valioso que encontram. E, quando as coisas caem em suas mãos e em suas cavernas, é muito duvidoso que tornem a ver o sol novamente.

Branca de Neve sentiu muito a partida do amigo. Quando abriu a porta para ele, o urso saiu quase correndo e uma parte de seu pêlo prendeu-se na fechadura, e Branca de Neve teve a impressão de ter visto, através de uma nesga, um brilho de ouro sob os pêlos do urso. Não pôde reparar muito, porém, porque ele saiu correndo e logo desapareceu entre as árvores.

Algum tempo depois, a mãe das duas meninas mandou-as à floresta, para buscarem lenha. Elas encontraram então uma árvore muito grande caída no chão e junto dela algo estava pulando para diante e para trás, mas, de onde estavam, as irmãs não conseguiram verificar do que se tratava. Quando se aproximaram, viram um anão, muito velho, com o rosto todo enrugado e uma compridíssima barba branca. A ponta da barba se prendera a uma fenda que havia no tronco da árvore, e o anão pulava de um lado para outro, procurando se libertar, sem conseguir.

Ao ver as meninas, ele as encarou, com um olhar feroz.

— O que estão fazendo aí sem ajudar? — ele gritou.

— Por que ficaste preso assim? — redarguiu Rosa Vermelha.

— Idiota! — reagiu o anão. — Eu ia cortar a árvore, a fim de tirar um pedacinho de madeira para cozinhar. Não podemos usar achas muito grandes, porque o pouquinho de comida que nos satisfaz queimaria ao ser preparada. Eu já introduzira a cunha no tronco da árvore, e tudo ia indo muito bem, quando, de repente, a árvore caiu, tão depressa que pegou a ponta da minha linda barba branca. E eu não consigo me libertar, e tenho de ver essas caras idiotas rindo de mim!

As meninas se esforçaram muito, mas não conseguiram libertar a barba.

— Vou chamar alguém para nos ajudar — disse Rosa Vermelha, fazendo menção de sair.

— Cretina! — gritou o anão. — Chamar mais alguém para quê? As duas são mais do que suficientes! Não podes pensar em outra coisa melhor?

— Não te impacientes — disse Branca de Neve. — Vou ajudar-te.

Tirou do bolso uma tesoura e cortou a ponta da barba do anão, que, logo que se viu livre, pegou um saco que estava escondido entre as raízes, cheio de ouro, e o pôs nas costas, resmungando:

— Desaforo cortar um pedaço de minha linda barba branca! Cambada de idiotas! Desejo que tenham muita má sorte!

E, carregando o saco nas costas, afastou-se sem sequer lançar um olhar para as meninas.

Algum tempo depois, Branca de Neve e Rosa Vermelha saíram a fim de pescar peixes para o jantar, quando, ao chegarem perto do ribeirão, viram o que lhes pareceu ser um grande gafanhoto pulando em direção à água, como se pretendesse nela mergulhar. Aproximaram-se mais, e viram que se tratava do anão.

— Aonde estás indo? — perguntou Branca de Neve. — Naturalmente não estás querendo pular dentro da água.

— Não sou idiota até esse ponto! — gritou o anão. — Não estás vendo que o maldito peixe está querendo me puxar?

O anãozinho estava sentado perto do ribeiro, pescando, quando o vento embaraçou a sua barba com a linha do anzol. Logo depois, um peixe muito grande agarrou a isca e começou a puxar o homenzinho em sua direção, forçando-o a seguir todos os seus movimentos e mantendo-o no constante perigo de ser arrastado para dentro da água.

As jovens chegaram justamente a tempo; seguraram-no com força e tentaram tirar sua barba da linha do anzol, mas em vão: a linha e a barba estavam embaraçadas de tal maneira que não havia jeito de separá-las. Não houve outro recurso senão recorrer à tesoura e cortar a barba, uma parte da qual ficou perdida.

Quando o anão viu o que acontecera, em vez de agradecer, ficou furioso.

— Não têm vergonha, não, suas vagabundas, de desfigurarem assim o rosto de um homem? Não foi bastante cortar a ponta de minha barba? — gritou ele. — Agora cortaste também a melhor parte dela!



Depois, pegou um saco de pérolas que escondera no mato e, sem dizer mais nada, saiu correndo e desapareceu atrás de uma pedra.

Aconteceu que, poucos dias depois, a mãe das jovens mandou-as à cidade para comprarem linha, agulha, fitas e rendas. A estrada atravessava uma charneca, espalhada na qual se encontravam enormes pedras. Ali notaram uma ave muito grande, que voava vagorosamente em círculos, abaixando o vôo cada vez mais, até pousar em uma das pedras, à pequena distância. Imediatamente, as irmãs ouviram um grito alto e doloroso como um gemido. Correram para mais perto e viram, horrorizadas, que a ave tinha agarrado seu velho conhecido, o anão.

Apiedadas, elas seguraram o homenzinho com toda a força, e tanto resistiram, que a águia acabou largando a sua presa. Solto, o anão, tão logo passou o medo que tivera, gritou furioso:

— Será possível que essas cretinas não pudessem fazer as coisas com mais cuidado? Estragaram meu casaco pardo, que está todo rasgado, cheio de buracos! Imbecis!

Pegou então um saco de pedras preciosas que havia escondido no rochedo, e sumiu, entrando em um buraco de pedra. As meninas, que já se haviam acostumado com a sua ingratidão, continuaram o seu caminho, indo fazer as suas compras na cidade.

Quando atravessavam de novo a charneca, em sua volta para casa, surpreenderam o anão, que havia esvaziado o seu saco de pedras preciosas em um lugar em que o chão era bem limpo, pensando que ninguém iria passar mais por ali naquele dia. O sol que se punha dava um brilho fulgurante às pedras preciosas, de cores variadas e todas muito belas. As meninas não puderam deixar de parar, olhando, fascinadas, para a beleza do espetáculo.

— Vagabundas! — gritou o anão, com toda a fúria do seu ódio impresso na fisionomia.

E continuava insultando as meninas, quando se ouviu um rugido fortíssimo, e um urso negro surgiu, correndo em sua direção.

Apavorado, o anão tratou de fugir, mas não conseguiu alcançar a sua caverna, pois o urso já chegara e bloqueava a entrada.

— Prezado senhor Urso! — gritou ele, então. — Não me mate, Excelência! Eu lhe darei todos os meus tesouros! Veja que beleza de pedras preciosas estão aqui! Conceda em troca a minha vida! O que lhe adiantará a vida de um pobre coitado, de um miserável como eu? Um ser tão pequeno

que nem dará para encher a sua boca, Excelência? Devore estas duas meninas, que têm a carne tenra como a de uma perdiz! Tenha pena de mim! Devore essas meninas, que são idiotas e más!

A resposta às súplicas do abjeto anão foi uma patada que o privou imediatamente de todo e qualquer movimento.

As meninas tinham fugido, mas o urso as chamou:

— Por que tem medo, Branca de Neve e Rosa Vermelha? Um momento! Irei convosco.

As irmãs reconheceram a voz do urso que era seu amigo e esperaram. E, quando ele se aproximou, viram, com surpresa, todo o seu pêlo cair, e ele se transformar num bonito jovem, cuja roupa era toda de ouro.

— Sou um príncipe — explicou. — Fui encantado por aquele maldito anão, que roubou todos os meus tesouros. Tive de vagar pela floresta, como um urso selvagem, até me livrar do feitiço com a sua morte. Agora, ele recebeu o bem merecido castigo.

Mais tarde, Branca de Neve se casou com o príncipe e Rosa Vermelha com seu irmão. A mãe das duas jovens viveu ao lado delas, por muitos e muitos anos. Levou consigo as duas roseiras, transplantadas para um jardim que ela podia contemplar da janela de seu quarto. E as roseiras continuaram dando, todos os anos, as belas rosas brancas e vermelhas.